

A UTILIZAÇÃO DO GÊNERO DO DISCURSO FILME NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DA ÓTICA DE MIKHAIL BAKHTIN

THE USE OF FILM SPEECH GENRE IN PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES FROM MIKHAIL BAKHTIN'S OPTICS

LA UTILIZACIÓN DEL GÉNERO DE DISCURSO FILM EN LAS CLASES DE LENGUA PORTUGUESA A PARTIR DE LA ÓPTICA DE MIJAÍL BAJTÍN

Ana Beatriz Fortes

Aluna do curso de Letras do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso.

Daíne Cavalcanti da Silva

Professora Orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Especialista em Metodologia de ensino de Língua Portuguesa e literatura brasileira, Especialista em Pedagogia empresarial e educação corporativa, Graduada em Letras Português Inglês e respectivas literaturas pela Universidade Paranaense (UNIPAR - Cascavel).

RESUMO

O trabalho foi elaborado a partir da necessidade de se refletir sobre a experiência prática da utilização do gênero filme, do campo da atividade humana cinema, para alunos dos anos finais do ensino fundamental. Realizou-se uma revisão bibliográfica a partir dos estudos do filósofo Mikhail Mikhailovich Bakhtin sobre os gêneros do discurso e de dois artigos científicos sobre a utilização do cinema na sala de aula. Procurou-se aprofundar sobre a forma como o gênero filme pode contribuir no aprendizado da Língua Portuguesa. Este faz parte da diversidade de gêneros da multifacetada atividade humana. Como resultado da pesquisa, concluiu-se que a utilização do cinema, se bem pensada, trabalhada e organizada, poderá contribuir muito para o desenvolvimento do pensamento crítico, aberto à diversidade de enunciados e à pluralidade do ser humano.

Palavras-chave: Filmes; Gêneros de Discurso; Sala de Aula; Enunciado.

ABSTRACT

The work was elaborated from the need to reflect on the practical experience of using the film genre, from the human activity cinema, for students of the final years of middle school. A bibliographic review was conducted based on the studies of the philosopher Mikhail Mikhailovich Bakhtin on speech genres and two scientific articles on the use of cinema in the classroom. It was sought to deepen how the film genre can contribute to the leaning of the Portuguese language. This is part of the diversity of genres of the multifaceted human activity. As a result of the research, it was concluded that the use of cinema, if well thought out, worked and organized, can contribute greatly to the development of critical thinking, open to the diversity of statements and the plurality of the human being.

Keywords: Films; Speech genres; Classroom; Statement.

RESUMEN

Este trabajo se elaboró a partir de la necesidad de reflexionar sobre la experiencia práctica de utilización del género film, del campo de actividad humana cine, para alumnos de los años finales de la educación básica. Se realizó una revisión bibliográfica a partir de los estudios del filósofo Mijaíl Mijáilovich Bajtín sobre los géneros del discurso y de dos artículos científicos sobre la utilización del cine en el aula. Se trató de profundizar en el

A utilização do gênero do discurso filme nas aulas de língua portuguesa a partir da ótica de Mikhail Bakhtin

estudio sobre la forma como el género film puede contribuir para el aprendizaje de la Lengua Portuguesa. Este integra la diversidad de géneros de la multifacética actividad humana. Como resultado de la investigación, se concluye que el uso bien pensado, trabajado y organizado del cine, podrá contribuir mucho para el desarrollo del pensamiento crítico, abierto a la diversidad de enunciados y a la pluralidad del ser humano.

Palabras-clave: Filmes; Géneros del Discurso; Aula de Clases; Enunciado.

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é refletir sobre como os gêneros do campo de atividade humana —cinema, filmes e séries—, podem contribuir para o aprendizado da Língua Portuguesa, a partir dos estudos sobre gêneros de discurso, formulados por Mikhail Bakhtin.

Percebe-se na prática docente, muitas vezes, alunos desmotivados e sem interesse pelos assuntos tratados. O professor deve ir em busca de recursos e outras linguagens. O gênero filme pode ser um facilitador para qualquer disciplina, e no caso específico da Língua Portuguesa, na ampliação de sentidos e olhares, no despertar da compreensão e utilização da língua como mediador da sua relação com o ambiente social.

Com a experiência prática, adquirida durante as aulas de docência no Estágio do Ensino Fundamental (anos finais), em que se utilizou o gênero de discurso filme, sentiu-se a necessidade de ampliar o conhecimento deste gênero. Sendo assim, buscaram-se relatos de práticas em que foram utilizados tais gêneros no processo de ensino-aprendizagem. Entre os textos lidos destacaram-se dois trabalhos acadêmicos, onde foram utilizadas pelas autoras a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo; tais trabalhos serão base de análise deste estudo. O primeiro que iremos trabalhar é o de Maria Adélia Alves, com o título *Filmes na Escola: uma abordagem sobre o uso de audiovisuais (vídeos, cinema e programas de TV) nas aulas de sociologia do ensino médio*. E o segundo artigo científico que iremos abordar será de Simone Lucas Faeda com o seguinte título: *O texto cinematográfico nas aulas de Língua Portuguesa: considerações sobre intertextualidade e interpretação textual*.

Como fundamentação teórica foi realizada pesquisa bibliográfica sobre o filósofo russo Mikhail Bakhtin no livro *Os Gêneros do Discurso* e outros livros dele ou sobre ele.

Bakhtin, através de ideias inovadoras, como quando diz que a verdadeira substância da língua está relacionada com a interação social, que a fala é um ato social e que a

subjetividade do sujeito acontece através da interação social que estabelece com o outro, proporcionou novas reflexões no campo da linguística.

O discurso cinematográfico faz parte da riqueza e diversidade de gêneros que, por sua vez, faz parte da multifacetada atividade humana. A linguagem fílmica reproduz em um espaço criativo, o ser humano em suas mais diversas facetas. Além de educar, diverte, instiga, questiona, infere e comove. Proporciona desenvolvimento cultural e desperta no ser humano a autorreflexão, desenvolvendo um conhecimento enriquecido pela sensibilidade e emoção.

A seleção da obra de Mikhail Bakhtin para este trabalho se deve à sua leitura durante o curso de Licenciatura em Letras, na área de Linguística; este pensador foi foco de estudos e causou forte impressão. Os dois artigos estudados foram considerados pertinentes por justamente fundamentar-se em experiências de campo, que ampliam, desta forma, nosso conhecimento sobre experiências similares, em nossa prática docente.

A leitura concentrada, o destacar de elementos importantes, o fichamento de conteúdo, o resumo do livro e artigos científicos, a comparação e reflexão foram as técnicas metodológicas utilizadas para elaborar o presente trabalho.

O ENUNCIADO E OS GÊNEROS DO DISCURSO

Bakhtin (2016) inicia a sua exposição no livro *Os Gêneros do Discurso*, dissertando a respeito da utilização da linguagem nos diversos campos da atividade humana e que seu caráter e formas de utilização são tão diversos quanto as atividades.

Considera que empregamos a linguagem na forma de enunciados e para isso utilizamos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, como já se considerava na Linguística em seu tempo. Foi além quando introduz o conceito de gêneros do discurso, afirmando que há características individuais de cada enunciado e que em cada campo de utilização da língua são elaborados tipos estáveis de enunciados, denominados Gêneros do Discurso. Bakhtin (2016, p.12) discorre sobre:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros de discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos).

Ele considera que embora exista uma heterogeneidade de gêneros discursivos, os estudos sobre gêneros literários, na sua época, eram os únicos contemplados. Desta forma, ele se propõe a aprofundar sobre outros tipos de gêneros.

Classifica os gêneros de discurso entre primários (simples) e secundários (complexos). Os primários acontecem nas relações da vida cotidiana e os secundários seriam (em geral escritos) romances, pesquisas científicas, textos jurídicos, publicitários e uma infinidade de outros gêneros. Ele considera fundamental um estudo da natureza do enunciado e da diversidade de gêneros porque toda a investigação linguística trabalha com enunciados concretos, tanto orais, quanto escritos, que estão acontecendo nos diferentes campos da atividade humana. Bakhtin (2016, p. 16-17) de forma dialética diz: “ A língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”.

Ele afirma que todo enunciado, seja oral ou escrito, primário ou secundário, é individual, porém nem todos os gêneros são propícios para refletir a individualidade do falante. Os enunciados que mais possibilitam a expressão da individualidade seriam a literatura e a ficção; aqueles mais padronizados, como documentos oficiais, teriam menor expressão individual.

Bakhtin faz uma crítica aos estudiosos da linguística do século XIX, que consideravam a função comunicativa da linguagem como algo secundário. Antes de Bakhtin a linguagem era considerada a partir do ponto de vista do falante. O ouvinte tinha um papel passivo. Ele teve uma forma original de pensar e dirigir sua atenção ao papel do ouvinte: “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso). (Bakhtin, 2016, p. 25).

Nossa fala é sempre proferida na espera de uma atitude responsiva, seja de concordância, discordância ou de acréscimo, mesmo que seja monológica. O ouvinte passa a ser enxergado como tendo um papel ativo na comunicação. Bakhtin afirma que a alternância dos falantes define os limites do enunciado, onde cada réplica tem uma conclusibilidade específica.

Ele faz uma diferenciação entre a oração como unidade da língua, diferente do enunciado, que é tratado como unidade da comunicação discursiva. Para o autor, a oração seria um pensamento relativamente acabado e correlacionado com outros pensamentos

do mesmo falante. Enquanto que no enunciado, a própria alternância dos sujeitos do discurso já seria uma primeira peculiaridade. A segunda seria a sua conclusibilidade específica e ao mesmo tempo a possibilidade de responder. O terceiro elemento, considerado por Bakhtin o mais importante, seriam as formas estáveis de gênero do enunciado.

A nossa subjetividade e individualidade se manifesta na escolha de determinado gênero em detrimento de outro e a subjetividade é adaptada ao gênero escolhido. Geralmente ou nem sempre, temos consciência, em termos teóricos, dos gêneros que escolhemos e utilizamos: “nós falamos por gêneros diversos sem suspeitar de sua existência”. (Bakhtin, 2016, p. 38). Ele compara a forma como utilizamos os diversos gêneros na aquisição da língua materna. Não chega ao nosso conhecimento através da gramática ou dicionário, mas sim, através de enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos são próximas. De acordo com o autor “ Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas) ”. (Bakhtin, 2016, p. 39).

Outra colocação interessante feita pelo filósofo, e que podemos constatar no convívio social, é que certas pessoas, embora tenham um domínio da língua, haverá gêneros em que terão mais desenvoltura que em outros, pois estão mais acostumadas a utilizar. Desta maneira, além do domínio que adquirimos da língua (sua composição vocabular e estrutura gramatical) assimilamos os mais diversos gêneros de discurso para que possamos ter uma relação social satisfatória. Bakhtin afirma que “são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto as formas da língua”. (2016, p. 41).

Neste ponto do texto ele volta a falar sobre a oração, que só adquire o seu sentido definitivo fazendo parte do conjunto do enunciado. Segundo o autor, a oração é de ninguém e só funciona como enunciado pleno em uma situação concreta de comunicação.

Outra peculiaridade do enunciado que Bakhtin coloca, trata da relação do enunciado com o próprio falante e com outros participantes da comunicação discursiva. O sujeito ou autor do discurso faz a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros conforme seja o objeto e o sentido que quer dar; assim, o elemento expressivo acontece a partir desta conexão.

Essa relação valorativa, que se estabelece entre o sujeito e o objeto de seu discurso, determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. E

embora a língua disponha de recursos linguísticos ricos (lexicais, morfológicos e sintáticos) para que o falante possa utilizar, eles são absolutamente neutros e só através da utilização destes elementos pelo falante, de forma consciente ou inconsciente, é que o enunciado irá ganhar a expressão desejada. Desta forma, a expressão não pertence à palavra em si e sim ao enunciado como traço constitutivo:

Portanto, a emoção, o juízo de valor e a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto. Em si mesmo, o significado de uma palavra (sem referência à realidade concreta) é extra emocional”. (Bakhtin, 2016, p. 51).

Mesmo palavras que carregam aparentemente um conteúdo emocional e expressivo como a palavra “alegria”, conforme utilizada num determinado enunciado poderá ter uma conotação completamente diferente de seu significado restrito da palavra.

Pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. (Bakhtin, 2016, p. 53).

Desta forma, a expressão não pertence à palavra, ela se dá em um enunciado do falante, em uma realidade concreta e em situações reais.

A experiência discursiva que adquirimos ao longo de nossa vida, se dá e se desenvolve através da interação dos nossos enunciados com os dos outros falantes: “essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos”. (Bakhtin, 2016, p. 54).

O fator determinante de um enunciado é a visão de mundo, juízos de valor e emoções de um lado, o objeto do discurso e o sistema da língua do outro lado, determinando estilo e composição do mesmo. “Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva”. (Bakhtin, 2016, p. 57).

O autor analisa a característica responsiva de todo enunciado, mesmo aqueles monológicos. A nossa ideia nasce e se forma a partir da interação com o outro e todo enunciado responde aos enunciados de outros falantes. Ele faz uma metáfora a respeito de que o falante não é nenhum Adão que profere um discurso pela primeira vez. Estabelece

uma relação dialética onde tudo o que falamos está relacionado com enunciados de outras pessoas e não está ligado apenas aos precedentes, mas também aos subsequentes relacionados com atitudes responsivas.

O enunciado possui sempre autor e destinatário, sendo este definido ou indefinido e a escolha dos recursos linguísticos feita pelo falante pode ou não levar em consideração o destinatário em maior ou menor grau.

No próximo item se discorrerá sobre a pesquisa bibliográfica e de campo da dissertação de Mestrado feita na Universidade Estadual de Campinas com o título de *Filmes na Escola: uma abordagem sobre o uso de audiovisuais* (vídeos, cinema e programas de TV) nas aulas de sociologia do ensino médio, de autoria de Maria Adélia Alves.

O uso de gênero do discurso como recurso didático no espaço escolar

Alves realizou uma investigação sobre as possibilidades da utilização dos discursos audiovisuais no ensino de Sociologia com alunos do Ensino Médio e a pesquisa se deu com professores desta disciplina na rede pública, na cidade de Campinas - SP. Sua investigação se realiza a partir de entrevistas em que os professores respondem a questões elaboradas pela pesquisadora e informam sobre as suas experiências na utilização do gênero filme, como recurso didático para complementação e enriquecimento de suas aulas.

Embora o trabalho não esteja diretamente relacionado à Língua Portuguesa, considera-se relevante porque retrata com bastante riqueza de detalhes e aprofundamento reflexivo por parte dos professores e da autora, uma experiência concreta sobre a utilização do gênero de discurso filme na sala de aula. A oportunidade de conhecer outras práticas e compará-las com a nossa, permite refletir sobre os erros e acertos, favorecendo um crescimento que consideramos imprescindível para qualquer pessoa que pretenda exercer a profissão de professor ou que esteja engajado no aprimoramento do conhecimento.

Ao ler as entrevistas feitas com os professores que dizem procurar alternativas práticas pedagógicas devido ao desinteresse que muitos alunos demonstram nas aulas, observou-se a mesma situação no estágio de docência em que a professora da disciplina de Língua Portuguesa utilizava basicamente o livro adotado pela escola. Considera-se uma atitude positiva quando o professor, ao se deparar com uma turma apática e

desinteressada, sinta-se incomodado e procure agir de forma responsiva e proativa no sentido de despertar o interesse pelo tema trabalhado.

Alves (2001) questiona a utilização de filmes como mero recurso auxiliar didático e propõe em seu trabalho, uma reflexão mais cuidadosa sobre a utilização da linguagem cinematográfica. A autora sugere uma abordagem mais criativa, argumentativa e de diálogo com os alunos. Enquanto que os professores veem no gênero filme um meio mais agradável, buscando no apelo afetivo que ele desencadeia, um facilitador para um melhor entendimento do conteúdo que está sendo trabalhado.

Os professores entrevistados por Alves, buscavam uma razão teórica para a utilização do filme, de forma a transformar e aprofundar o conhecimento e consideram inadequado ao papel da escola e do professor, a utilização do filme como mero entretenimento. Desta forma, Alves (2001) pontua que, ao utilizar essa linguagem ao invés de transformá-la em mero complemento do tema que está sendo abordado, se poderá explorar a linguagem desde uma perspectiva dialógica e contextualizada, questionar, levantar hipóteses, que poderão ser acrescidas pelo professor e pelos alunos.

Como afirma Bakhtin (2016), qualquer discurso tem seu autor, gera uma atividade responsiva e não é inédito. Sempre vem repleto de interferências e influências de outros discursos e, portanto, vem carregado de conteúdo histórico e social e repleto de significação própria e de uma ideologia inerente.

O filme pode ser explorado como obra de reflexão sobre o fazer humano, sua vida, suas alegrias e angústias.

Faz-se necessário um planejamento, mas, ao mesmo tempo o professor deve estar disponível para novas ideias e opiniões que venham surgindo no percurso do trabalho e aberto para repensar suas práticas e proporcionar a ele e aos alunos uma reflexão que extrapole o espaço escolar; deve fazer da atividade um exercício para a interdisciplinaridade e para a pluralidade. Mesmo porque os homens, ao utilizarem as várias linguagens, procuram torná-las compreensíveis e repletas de significado e desta forma vão elaborando o conhecimento das coisas da vida.

Alves se aproxima do pensamento de Bakhtin ao dizer que:

Toda produção humana só foi e é possível graças à invenção e utilização de novas técnicas e tecnologia que geraram novas linguagens utilizadas pelos homens. Mudanças de ordem material, técnica e tecnológica, não determinam mudanças no modo de conhecer e perceber o mundo, mas o uso que se faz delas, as ideias,

as ações humanas e o contexto no qual estão inseridas, determinam transformações na percepção, no conhecimento e na consciência humana. Portanto, essas linguagens estão dentro de um contexto social, político, econômico e histórico próprio transformado pelo homem, por isso que pensamos e consideramos nos valores, crenças e mudanças no modo de perceber e conhecer o mundo. (ALVES, 2001, p. 111).

Estamos constantemente sendo bombardeados por imagens, ideias, opiniões e ideologia e pensamos que faz parte do papel da escola proporcionar momentos em que os alunos reflitam sobre tudo o que lhes interessa, para que possam pensar de uma forma própria e crítica.

Sabemos que os meios de comunicação podem ser manipuladores e sedutores. Desta forma é importante apropriar-se desses meios, através de sua utilização prática, para desenvolver um pensamento crítico em nós e nos alunos, para auxiliar no julgamento daquilo com que entramos em contato, seja através da escrita, da imagem ou da oralidade. Faz-se necessário discernir com maior propriedade sobre a qualidade e a validade do conteúdo recebido. Consideramos que as inovações tecnológicas geram transformações nos modos de produção, nos valores, nas crenças e mudança no modo de perceber e conhecer o mundo.

Os filmes e as séries são grandes disseminadores de ideias e modos de pensar. Sensibilizam, emocionam, ajudando a conhecer as pessoas e as coisas. Informam, mas também podem iludir, enganar, controlar e dominar se assumirmos uma atitude passiva e ingênua. Se o professor, em sua prática, conseguir despertar em seus alunos um interesse em conhecer e pesquisar sobre as mais diversas coisas do mundo e que consigam adquirir um pensamento crítico e investigativo, acreditamos que terá cumprido uma importante tarefa, que instrumentará seus alunos para a vida.

Através da linguagem audiovisual, segundo Alves, o professor poderá treinar seus alunos para múltiplas atitudes perceptivas. Entre elas, a música, a fotografia, a linguagem escrita, falada e gestual, a análise dos personagens, figurinos, situação histórica e outras inúmeras possibilidades a serem vistas e exploradas por vários olhares atentos, compostos por alunos e professor.

Bakhtin considera que através de um convívio cultural mais elaborado surgem os chamados gêneros discursivos complexos, onde nomeia a literatura (entre outros), através de romances e dramas. Podemos dessa forma considerar o filme como um gênero de

discurso secundário e complexo e, segundo Bakhtin (2016), esses gêneros de discurso complexos representam a realidade, mas não são um espelho fiel dela e sim representações culturais e sociais.

Alves (2001) caracteriza pontos de vista, interpretações da realidade que servem aos mais variados interesses. Tanto podem ajudar a manter ideias ou opiniões quanto podem instigar novas interpretações e gerar transformações da realidade. Segundo Alves (2001), é preciso estar bastante claro para o professor e para os alunos que a imagem representada no filme não representa necessariamente a realidade fiel e isso pode parecer óbvio para muitos indivíduos, mas não para todos. O filme foi produzido a partir de uma história elaborada por uma ou mais pessoas que estão dentro de um contexto determinado e qualquer interpretação ou análise é sempre feita a partir do ponto de vista de quem fez (diretor, produtor, roteirista, equipe técnica). É preciso que se compreenda que essa é apenas uma forma de contar uma história, mas não é a única. É sempre uma interpretação com inclusões e omissões particulares, deliberadas ou inconscientes, da mesma forma como é proferido qualquer enunciado, conforme o ponto de vista de Bakhtin:

O falante com sua visão de mundo, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto de seu discurso e o sistema da língua (dos recursos linguísticos), por outro – eis tudo o que determina o enunciado, o seu estilo e sua composição. (BAKHTIN, 2016, p.57)

A forma como é contada a história, segundo Alves (2001), deve ser considerada e questionada e não apenas se deter no conteúdo do filme, seus personagens e a história em si. É preciso também ter o cuidado ao orientar a análise, para que não seja apenas a visão do professor sendo imposta. Deverá ser dada abertura para que os alunos possam expor suas opiniões, mesmo que muitas vezes contrárias às do professor. Este debate, muitas vezes conflitante, contribui para aumentar a bagagem cultural e melhorar o nível argumentativo das discussões para todos os envolvidos.

A linguagem fílmica, considerada pelos professores e pela autora como um estopim para discussões, como todo produto cultural é passível de interpretações e análises diversas, que dependem dos critérios e princípios de quem está analisando.

Um maior conhecimento da linguagem é sempre bem-vindo e os professores entrevistados por Alves, se queixam da falta de preparo e gostariam de ter treinamento

por pessoas especializadas em cinema, para um maior discernimento e domínio do assunto.

Ela alerta que quando o professor traz um filme para ser assistido por seus alunos, além do planejamento adequado, deve também estar preparado para lidar com situações inesperadas, porque nem sempre terá a resposta esperada. Precisa ter uma atitude democrática de tolerância e respeito às individualidades de seus alunos. As linguagens cinematográficas, assim como outras linguagens, podem gerar situações inesperadas e imprevisíveis e cabe ao professor saber utilizar essas surpresas boas ou más para reelaborar sua prática.

Os objetos da cultura entram na escola pela “porta da frente” pois pode-se determinar o que vai se fazer na escola, nas aulas, seja através dos PCNs, do planejamento anual da disciplina, seja através da ordem existente dentro da escola, mas o que realmente acontece e as consequências do que se faz muitas vezes não é esperado e até mesmo foge do controle do professor, do diretor, da ordem estabelecida. (ALVES, 2001, p. 128).

Ela preconiza que a escola precisa ser considerada como um espaço de debate político e filosófico, onde exista a troca de ideias e opiniões, caracterizando uma sociedade plural, democrática e multidisciplinar.

O professor é um profissional que trabalha com o conhecimento (ideias, conceitos, fatos, informações) e a escola é uma instituição com regras e leis, mas também exerce o papel de formação do sujeito como ser social; ali são transmitidos saberes acumulados pela humanidade.

Bruzzo, (1995), *apud* Alves, (2001, p. 123), considera a linguagem:

Fonte de conteúdo, pois rico em temas, e fonte de formas, pois belo e atraente com suas imagens e sons, o filme é visto como um recurso importante em sala de aula. A importância é percebida ao se ressaltar as possibilidades do filme na relação aluno-imagem, que permite a aproximação afetiva dos alunos para com o tema estudado, a possibilidade de um exercício de observação e o desenvolvimento de interpretação e análise de um produto cultural, a possibilidade de ser uma espécie de laboratório psicológico que cria situações experimentais, um elemento que mexe com a racionalidade, a percepção, memória, sentimentos, desejos, faz refletir, “extrapolar”, permitindo conhecer e pensar.

Concorda-se com Alves e conclui-se que esta linguagem não deve ser trazida apenas como mera ilustração de um conteúdo que está sendo trabalhado em sala de aula, mas como uma forma de construção do conhecimento, repleto de significações e pontos

de vista. Deve ser um facilitador para ampliar a bagagem cultural dos alunos e professores, construindo, ampliando e reconstruindo o conhecimento e exercitando sua participação.

Finalizaremos esta seção citando Alves, (2001, p. 135) que, com propriedade, afirma: “não é o filme na escola que provoca mudanças, mas o uso que se faz dele, como é encarado, demonstrado através da postura do professor frente à escolha, análise e relacionamento com seus alunos e com a instituição escolar como um todo”.

No próximo item apresentaremos um texto feito pela autora Simone Lucas Faeda como trabalho final do Programa de Desenvolvimento Educacional, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná com o título: *O texto cinematográfico nas aulas de Língua Portuguesa: considerações sobre intertextualidade e interpretação textual*.

Os gêneros da esfera cinematográfica nas aulas de Língua Portuguesa

Este texto foi apresentado como trabalho final ao Programa de Desenvolvimento Educacional, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná pela autora Simone Lucas Faeda.

Faeda desenvolveu um trabalho bibliográfico e de campo. Utilizou a linguagem cinematográfica (*Meu pé esquerdo*), duas poesias de Carlos Drummond de Andrade (*A pedra no meio do caminho* e *Poema das sete faces*), um texto narrativo (*As mãos que liam*), um texto publicitário da Associação Pintores com a Boca e os Pés, um texto argumentativo e informativo (*Índio com diploma não é mais índio? E Vestibular para índios em inscrições abertas até dia 30*) e os alunos também fizeram uma produção poética a partir de um mote extraído da primeira estrofe do *Poema de sete faces*. Todo este material tinha um tema comum que partiu da palavra “superação”; o trabalho foi desenvolvido com alunos da sétima série do Ensino Fundamental, com o objetivo de verificar a potencialidade dos filmes como recurso para interpretação textual.

Em seu texto Faeda fala sobre as várias funções do filme quando utilizado; indica que, se bem conduzido, não cumprirá apenas o papel de entretenimento, pois poderá ser um ótimo aliado se forem propostas reflexões sobre esta linguagem, que utiliza imagem, música, escrita, ficção, realidade, história e comportamentos. Afirma que o cinema proporciona conhecimento histórico e cultura e este conhecimento é enriquecido pela emoção e sensibilidade que esta linguagem proporciona, assim como a literatura. Será um

ótimo recurso para desenvolver nos alunos, análise intertextual e interpretativa. A autora propõe aproveitar o interesse que os alunos têm pela linguagem fílmica para buscar fazeres diversos na prática do professor para o ensino da língua portuguesa. Faeda (2008, p.6-7) afirma que:

Reproduzindo a realidade com o recurso da imagem, da fala direta, dos detalhes evidenciados pela proximidade das câmeras, os filmes conseguem fazer os jovens internalizarem situações que envolvam ideias, valores e conceitos que, de outra forma, seriam mais difíceis de assimilar”.

Faeda cita as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2008) sobre a utilização de outras linguagens com o fim de desenvolver uma maior identidade social dos indivíduos.

Nesse sentido, a prática pedagógica decorrente dessa concepção curricular concebe a educação que envolve o aluno, o professor, as tecnologias disponíveis e todo o conhecimento científico que se depreenda dessa relação de reflexão, descoberta e articulação de leituras, pois pensar a utilização do texto fílmico no currículo escolar significa pensá-lo a partir da função social da escola no mundo contemporâneo”. (FAEDA, 2008, p. 14).

A partir do momento em que somos expostos a várias linguagens, vamos adquirindo a capacidade de relacionar um texto ou outros (referências intertextuais); passamos a perceber os diálogos que os textos travam entre si, ampliando o nosso universo cultural. As múltiplas formas de leitura e interpretação próprias da narrativa fílmica se ampliam quando é compartilhada com outros gêneros textuais. A autora pensa que, se bem direcionado pelo professor, o filme poderá ser encarado como obra aberta, que não se restringe a uma única interpretação.

Ele permite o diálogo entre o indivíduo e suas próprias considerações e a assimilação de um conhecimento que vai além da imagem projetada. Por isso amplia visões, sugere hipóteses, desperta o senso crítico, assumindo, portanto, um caráter referencial e acessório quanto à prática da leitura e interpretação textual”. (FAEDA, 2008, p. 20).

No entanto, ela observa que para que se obtenham os resultados desejados, o professor deve ter bem claro o que pretende, quais seus objetivos, com uma postura crítica e avaliativa do processo.

Cabe ao professor, segundo Faeda (2008), o papel de mediador, que provoca, estimula outros olhares, desenvolve o senso crítico e a observação de valores e costumes que estão sendo apresentados pelos personagens e imagens e outras informações subjetivas, nem sempre explícitas.

Outro ponto importante para o qual ela chamou atenção é a questão do local onde será exibido o filme, se é adequado ou não. Ela fala dos cuidados que se deve ter quanto ao ambiente onde será exibido o filme, para que o professor possa fazer inferências no decorrer das cenas, chamar a atenção dos alunos sobre a fotografia, paisagens, a região, contextualizando época e história.

Esses elementos, junto com o enredo, podem ser riquíssimos e fazem com que os alunos desenvolvam a sua atenção e olhar para outras perspectivas, que ampliam a sua compreensão e proporcionam um aprofundamento maior.

Faeda (2008) termina seu artigo, descrevendo um professor democrático, que respeita a opinião de seus alunos e estimula para que argumentem com mais propriedade, pois ao desenvolver este senso crítico ela acredita que o aluno terá mais discernimento em situações fora do espaço escolar, para fazer escolhas no momento de assistir filmes ou mesmo televisão em casa.

Acredita-se que o papel da escola e do professor é procurar fazer uma mediação entre o contexto social em que os alunos vivem, contribuindo para o seu desenvolvimento individual.

Se considerarmos o aluno a partir da abordagem de Bakhtin (2016), que considera que o homem é um ser social, histórico, que utiliza a linguagem para construir uma interação com o outro e desta forma desenvolve-se como sujeito construindo a sua singularidade e contribuindo para o desenvolvimento do outro, toda a nossa prática ficará mais rica e verdadeira.

Embora Bakhtin não tenha falado especificamente em educação, toda a sua teoria, ao enfatizar a importância da linguagem como eixo principal, nos conduz a uma visão diferente, abrindo dessa forma, outra maneira de ver a educação. O aluno passa a ser visto não como alguém a quem eu vou transmitir o saber, mas com o qual compartilho experiências. A sala de aula passa a ser um espaço onde várias vozes se manifestam, numa troca de experiências e saberes em uma relação dialógica.

Conforme Freitas (2007, p. 147):

“A construção do conhecimento passa a ser uma construção partilhada, coletiva, onde o outro é sempre necessário. Esse outro pode ser o professor ou mesmo qualquer um dos alunos, dependendo das circunstâncias”.

Desta maneira, entendemos que os trabalhos desenvolvidos pelas pesquisadoras Lucas e Faeda, são bastante pertinentes e embora talvez não intencionalmente, se caracterizam como iniciativas muito próximas do conceito de dialogismo e interdisciplinaridade preconizados por Bakhtin. Conforme esta bonita reflexão feita por Bakhtin:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2015, p. 348).

Arte e vida se interligam e se relacionam a partir do momento em que o indivíduo passa a relacionar a sua experiência individual com a experiência dos outros. Qualquer proposta educativa precisa ser concebida levando em consideração a nossa dimensão humana e histórica, já que a vida política e cultural se manifesta em cada um de nossos atos. Como educadores, devemos ser conscientes sobre a nossa condição de produtores e responsáveis pela produção de nossos alunos e também pela difusão da arte, ciência e tantas outras manifestações culturais, como é o caso do gênero cinematográfico.

Bakhtin nos conduz a enxergar as relações dialógicas estabelecidas pelos indivíduos ao proferir qualquer tipo de enunciado e podemos pensar no espaço escolar, onde diferentes vozes se inter cruzam. Que o conteúdo da disciplina de Língua Portuguesa esteja inserido na realidade e na vida dos alunos, instrumentalizando para as necessidades de seu viver.

Permitir que venha à tona a diversidade de modos de ser, de fazer, de construir. Proporcionar aos alunos a ousadia, a réplica, a contrapalavra. Que ele possa ser o autor, que diga a sua palavra à sua maneira, que possa interagir através e com a língua, proporcionar a experiência da intertextualidade em seus discursos.

METODOLOGIA

O presente trabalho teve como base a pesquisa bibliográfica. Com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o tema, utilizou-se da leitura das obras de Mikhail Bakhtin *Os gêneros do discurso* (2016) e *Estética da criação verbal* (2010) e de artigos do livro *Diálogos com Bakhtin* (2007), organizado por Carlos Alberto Faraco, Cristóvão Tezza e Gilberto de

Castro, onde encontram-se vários ensaios de diversos estudiosos do pensamento de Bakhtin. Neste livro nos detemos no texto de Maria Tereza de Assunção Freitas com o título: *Bakhtin e a psicologia*.

No que diz respeito à utilização do gênero filme na sala de aula, nos utilizamos basicamente dos artigos científicos elaborados pelas pesquisadoras Maria Adélia Alves, *Filmes na Escola: uma abordagem sobre o uso de audiovisuais (vídeos, cinema e programas de TV) nas aulas de Sociologia do Ensino Médio* (2001) e de Simone Lucas Faeda com o título: *O texto cinematográfico nas aulas de Língua Portuguesa: considerações sobre intertextualidade e interpretação textual* (2008). Ambas fazem uma pesquisa bibliografia e de campo para fundamentar suas ideias.

Para discutir, analisar e interpretar o assunto focado fizemos várias leituras dos textos e livros escolhidos e a partir daí um resumo, ressaltando os aspectos que consideramos mais importantes e dessa forma procuramos estabelecer relações entre os vários textos lidos, aplicando na prática o conceito de dialogismo e intertextualidade trabalhados por Mikhail Bakhtin. O critério utilizado para a escolha das obras consultadas foi justamente, a busca de uma bibliografia que pudesse auxiliar no entendimento e aprofundamento do tema escolhido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Bakhtin (2015), a arte ajuda a construir a arquitetura da vida. A palavra é um meio constantemente ativo e mutável de comunicação dialógica.

Dessa forma, conclui-se que, a partir da presente pesquisa, adquiriu-se um maior embasamento e uma forma de entender a educação e a vida, cada vez mais abrangente e enriquecedora. Compreende-se que ao despertar emoções às quais se associa a própria experiência de vida do indivíduo, a arte está representando sentimentos universais do ser humano.

Bakhtin afirma que a nossa ideia nasce e se transforma a partir da interação com o outro. Dessa forma, a partir do momento em que interagimos com os nossos alunos, nascem ideias que dinamizam a nossa prática como professores, desde que estejamos atentos a isso. Quando ele fala da polifonia de vozes, podemos fazer uma analogia com o professor que, sendo um maestro, rege as diferentes vozes na sala de aula.

Com a entrada da tecnologia e novas mídias, o acesso aos meios de comunicação se tornaram globais e transnacionais. Trocas interculturais da sociedade contemporânea estão no nosso dia a dia. Para que o aluno construa seu conhecimento, entendemos que é papel do professor instrumentalizá-lo para que professor e aluno aprendam onde buscar e como acessar e de que forma utilizar a informação.

A prática não deve tornar o grupo homogêneo e sim pluralizar e dar espaço para outras vozes, mesmo porque as relações sociais são plurais. Pensamos que quanto mais democrática for, menos conflituosas serão essas vozes, porque estarão praticando a tolerância e o respeito. Não existe uma saída ou solução pronta para superar as dificuldades da prática pedagógica. Ela precisa ser construída no tempo e espaço presente, mas levando em consideração a história passada; precisa de uma direção, um sentido, um objetivo futuro. Através do fragmento, do construir o dia a dia é que vamos construindo a totalidade. O micro está contido no macro.

Conclui-se que qualquer proposta precisa levar em consideração a nossa natureza cultural, política, ideológica, histórica, que nos constitui como humanos. Sabemos que não se trata de uma tarefa fácil porque estamos constantemente tendo que superar obstáculos, encontrar saídas. Por outro lado, isso permite que exerçamos nossa capacidade criativa, crítica, transformadora, fazendo com que mulheres, crianças, homens, produzam arte, ciência, história, em um processo de criação cultural.

Ao utilizarmos a forma de pensar de Bakhtin, teremos consciência de que, conforme nossa intenção comunicativa, fazemos escolhas dos meios linguísticos e dos gêneros, com o objetivo de dar mais sentido a nossa comunicação. A expressão se dá a partir do enunciado, numa realidade concreta e em situações reais de nossa prática pedagógica.

A partir dos estudos realizados sobre Bakhtin e das conclusões das duas autoras consultadas, cabe ao professor escolher o filme ou série mais adequados para trabalhar um determinado conteúdo ou desenvolver um recurso pessoal (raciocínio lógico, criatividade, imaginação) que ele queira reforçar nos alunos.

Desta forma, o filme é mais que apenas ilustrativo, ele poderá contribuir para o desenvolvimento cognitivo e conhecimento de um determinado conteúdo. Além disso, as habilidades trabalhadas com os alunos ao assistir um filme ou série em que se pede para que eles estejam atentos aos personagens, enredo, situação histórica e relações sociais,

poderão ser utilizadas na formulação de outros gêneros textuais, ampliando e enriquecendo a construção de outros textos. Da mesma forma poderemos desenvolver nos alunos um olhar mais atento e aprofundado ao apreciar uma música, uma pintura, um romance. Certamente, cada filme se presta melhor para cada caso e o professor deverá gostar e ter o hábito de assistir a filmes e séries para se familiarizar e saber adequá-los aos conteúdos de sua área de atuação.

Conclui-se que qualquer proposta educativa precisa ser concebida, levando em consideração a nossa dimensão humana, histórica, já que a vida política e cultural se manifesta em cada um de nossos atos e o filme como todo produto cultural é passível de interpretações e análises.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Adélia, **Filmes na escola: uma abordagem sobre o uso de audiovisuais (vídeos, cinema e programas de TV) nas aulas de sociologia do ensino médio**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Paraná, 2001. Disponível em: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253516/1/ALVES_MariaAdelia_M.pdf

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich, **Os gêneros do discurso**, São Paulo, Ed. Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail, **Estética da criação verbal**, São Paulo, Martins Fontes, 2010.

FAEDA, Lucas Simone, **O texto cinematográfico nas aulas de Língua Portuguesa: considerações sobre intertextualidade e interpretação textual**. Trabalho final apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional – Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1350-8.pdf>

FARACO, Carlos Alberto, TEZZA, Cristóvão, CASTRO, Gilberto de, (Org.), **Diálogos com Bakhtin**, Paraná, Editora UFPR, 2007.